

# O OLHAR EPISTEMOLÓGICO POPPERIANO SOBRE PSICANÁLISE

Vincenzo Di Matteo

Seria a psicanálise um 'programa metafísico de pesquisa'? A expressão programa metafísico de pesquisa é de Popper e não tem necessariamente uma conotação pejorativa<sup>1</sup>, tanto que serve para designar também a própria teoria da evolução, que o 'fascinava'<sup>2</sup>. A problemática envolvida na expressão popperiana irá aparecer progressivamente no decorrer da exposição, mas é compreensível que uma pergunta desde já seja colocada: por que retomar o tema da Weltanschauung científica da psicanálise se os próprios psicanalistas parecem não mais se importar com isso<sup>3</sup>? Tudo indica que hoje as principais

---

<sup>1</sup> A expressão era utilizada nas suas conferências já a partir de 1949, mas por escrito só a partir de 1958. A palavra 'metafísica' deve ser entendida no sentido de 'não falseável'. Cfr. POPPER, Karl R. *Autobiografia intelectual*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. S. Paulo: Cultrix, EDUSP, 1977, p.233 (nota 242). (Doravante esta obra será citada *AI*). a expressão – a psicanálise programa metafísico e não científico de pesquisa pode ser encontrada, por exemplo, na nota 52 do cap. 11 do livro de Popper intitulado *Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1996, p.334. (Doravante citaremos apenas *CR*).

<sup>2</sup> Cfr. o tópico 'O darwinismo como programa metafísico de pesquisa'. *AI*, p.176-190.

<sup>3</sup> Na discussão que se seguiu à conferência de LOPARIC, Z. Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. (In: KNOBLOCH, Felícia (Org.). *O inconsciente: várias leituras*. S. Paulo: Escuta, 1991, p.45-58), Renato Mezan assim se expressa: "Quanto à idéia de que a psicanálise consistiria num gênero literário incomparável com a ciência, embora o

preocupações epistemológicas psicanalíticas não giram mais em torno de sua cientificidade e sim de sua identidade ou especificidade<sup>4</sup>. Não é por acaso que nosso século, considerado ‘o século da psicanálise’ se fecha com ‘Os Estados Gerais da Psicanálise’, um Fórum internacional e pluralista para debater as questões atuais da psicanálise (Paris, 8-12 de julho) e a historiadora e psicanalista E. Roudinesco lança seu último livro com um título sugestivo: *por que a psicanálise*<sup>5</sup>?

Existem, porém, pelo menos duas razões que justificam tal empreendimento. Se a psicanálise não é um programa científico, mas metafísico de pesquisa, talvez seja possível repensar, numa nova perspectiva, tanto a relação Filosofia-Psicanálise como aquela existente entre as várias escolas e tendências que habitam a ‘Babel psicanalítica’, privilegiando a cooperação à confrontação ou à simples tolerância.

Mas será que a epistemologia popperiana nos pode ajudar a encontrar saídas mais satisfatórias, mesmo que não definitivas, para esses dois problemas?

---

epistemólogo a considerasse pejorativa, talvez estivesse *malgré lui* enunciando, uma verdade de grandes conseqüências. Com efeito, a psicanálise é *também* um gênero literário, ou melhor, uma forma de discurso *sui generis*...”. MEZAN, R. Diálogo com Loparic. In: KNOBLOCH, Felícia (Org.). *O inconsciente*. O.c., p.61-72.

<sup>4</sup> Cfr. MEZAN, R. Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. In: PELLANDA, Nize Maria Campus e PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral. *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.347-355. Cfr, também BIRMAN, J. Psicanálise, uma estilística da existência? In: *Por uma estilística da existência*. S. Paulo: Ed. 34, 1996, p.23-51; ———. Sujeito e estilo em psicanálise. In: *Estilo e modernidade em Psicanálise*. S. Paulo: Ed. 34, 1997, p.43-69.

<sup>5</sup> ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Diante de suas críticas à psicanálise, este confronto entre filosofia e psicanálise não está de antemão destinado ao fracasso? Afinal, a psicanálise é incompatível com o racionalismo crítico e esse com o saber e a prática psicanalítica? Possui ele uma força lógica capaz de convencer filósofos e psicanalistas a conviver com a crítica recíproca?

A aposta é nesse sentido, mas pode ser mais filha do desejo do que da razão<sup>6</sup>. Mesmo assim, nos parece possível encontrar no racionalismo crítico de Popper uma proposta ética nova de tolerância e responsabilidade intelectual para regular o encontro interdisciplinar Filosofia-Psicanálise em geral e dos saberes psicanalíticos em particular.

Neste artigo, pretendo rastrear o discurso popperiano sobre psicanálise e sondar até que ponto seu racionalismo crítico pode constituir-se, de fato, como a nova ética para administrar e superar os conflitos teóricos.

Desdobraremos nossa exposição em três momentos. O primeiro se destina a fazer um levantamento da problemática existente nas relações entre Filosofia-Psicanálise e também internamente entre as várias metapsicologias psicanalíticas que sustentam a prática clínica. O segundo, mais analítico, tentará identificar e organizar as críticas popperianas dirigidas à psicanálise. O terceiro, mais reflexivo, se perguntará pela contribuição e pelos limites da concepção epistemológica popperiana.

---

<sup>6</sup> “Em meu entender, esta questão é estéril, e a opção “ciência ou arte” não faz jus à natureza da teoria psicanalítica e muito menos à sua prática”. MEZAN, R. Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. O.c., p.347.

## I. A problemática

O termo 'problemática' deve ser entendido num sentido amplo, como uma questão teórico-prática que ainda não foi resolvida satisfatoriamente, gerando um certo empasse teórico e um certo mal-estar existencial nos pensadores aos quais ela se impõe e pede solução. Nesse sentido, não é difícil detectar o empasse e o mal-estar que permeiam tanto as relações entre filosofia e psicanálise quanto entre escolas e tendências psicanalíticas.

### 1. Os problemas na relação Filosofia-Psicanálise

Partimos de um pressuposto que não é consensual, nem entre os próprios filósofos: existem problemas filosóficos. A filosofia não é apenas uma atividade de ordem linguística como pretende a filosofia analítica<sup>7</sup>, mas também uma atividade de construção racional de teorias para resolução de problemas<sup>8</sup>. Seja, porém, qual for a concepção de filosofia que adotarmos, corremos o risco de entrar em conflito com o saber psicanalítico.

No primeiro caso, o da filosofia entendida como atividade terapêutica para liberar os homens das linguagens

vazias e destituídas de sentido, o conflito pode se dar entre uma epistemologia filosófica e as abstrações metapsicológicas psicanalíticas que não podem ser reduzidas a uma significação empírica. No segundo caso, o da filosofia como um certo tipo de 'saber', o conflito com a psicanálise pode surgir a partir de diferentes e até divergentes interpretações do patológico, do normal e do cultural.

É inegável que as tentativas históricas de fazer dialogar filosofia e psicanálise resultaram em dois discursos que, na maioria das vezes, parecem incompatíveis. Os filósofos geralmente não se reconhecem nas críticas que lhes são dirigidas pelo próprio fundador da psicanálise e desautorizam o discurso pretensamente científico da psicanálise. Os psicanalistas, por sua vez, desconfiam das várias leituras filosóficas da psicanálise sejam elas de proveniência marxista<sup>9</sup>, fenomenológica<sup>10</sup>, existencialista<sup>11</sup>, neo-hegeliana<sup>12</sup>, analítica<sup>13</sup>, hermenêutica<sup>14</sup>, porque a novidade do inconsciente psicanalítico não se deixa aprisionar em nenhuma dessas correntes filosóficas.

Uma maneira de lidar com os conflitos teóricos que podem surgir na aproximação Filosofia-Psicanálise é confinar os dois saberes nos limites de suas respectivas competências, de seus respectivos objetos e métodos de

<sup>7</sup> Segundo Popper, esta concepção de filosofia – como 'análise da linguagem', cuja tarefa seria a de "elucidação de conceitos", ou seja, torná-los precisos – estaria equivocada. "Não existe o que se possa denominar "elucidação" ou conceito "explicado", ou "preciso"". *AI*, p.36.

<sup>8</sup> A pergunta "existem problemas filosóficos?" foi o título da palestra proferida por Popper, no início do ano letivo 1946-1947, ao atender ao convite do secretário do "club de Ciências Morais" de Cambridge para falar sobre alguma "charada linguística". Foi nesta ocasião que se deu o encontro, melhor o desencontro com Wittgenstein que aborreceu muito a Popper. Veja *AI*, p.130-132.

<sup>9</sup> POLITZER, G. *Critique des fondements de la psychologie, I. La psychologie et la psychanalyse*. Rieder, 1928.

<sup>10</sup> BISWANGER, L. *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970. Cfr. também as contribuições de Merleau-Ponty, De Waelhens, Vergote.

<sup>11</sup> SARTRE, J.-P. *La psychanalyse existentielle*. In: *L'Être et le Néant*. Paris: PUF, 1943.

<sup>12</sup> HYPOLITE, J. *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Timbre Tauros, 1989.

<sup>13</sup> Wittgenstein, o Círculo de Viena, a filosofia analítica anglo-saxônica.

<sup>14</sup> RICOEUR, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

investigação, dando a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Permanece, porém, o problema insolúvel de determinar qual é o saber que vai desempenhar o papel de Deus: o filosófico ou o psicanalítico? Com toda probabilidade, o saber que se arvorar a presidir esse superior tribunal da verdade condenará o outro como um pretense saber.

Uma outra saída, aparentemente mais democrática, mas equivocada tanto quanto a primeira, consiste em reeditar a teoria da 'dupla verdade'. Haveria uma teoria filosófica e outra psicanalítica para explicar o mundo subjetivo e cultural do ser humano e cada um fica com a própria verdade, tolerando a do outro numa pacífica convivência teórica.

Uma terceira alternativa, de longe a mais habitual, é cada um pilhar livremente do tesouro teórico do outro o que mais lhe convier para legitimar suas próprias teorias e ignorar ou recusar o resto.

As três saídas não parecem satisfatórias de um ponto de vista teórico. A primeira é evidentemente dogmática por acreditar que a psicanálise nada tem a dizer ao saber filosófico ou que qualquer crítica que esse lhe dirija seja a expressão de sua ferida narcísica. A segunda, a da mútua tolerância, descampa com muita facilidade para a do mútuo desconhecimento. A terceira carrega consigo todos os riscos e os limites do ecletismo.

## 2. Os problemas internos ao mundo psicanalítico

No caso da psicanálise, partimos de uma constatação que parece consensual: existem problemas psicanalíticos.

Antes de tudo, o problema de determinar a especificidade da psicanálise para identificar as escolas, tendências e teorias que merecem os direitos de cidadania na 'polis' psicanalítica. Se preferirmos uma outra metáfora, existe a dificuldade de determinar o minimum teórico, o núcleo 'duro' no qual todos possam se reconhecer.

O próprio Freud se deparou com o problema e tentou solucioná-lo de duas maneiras. A primeira, elaborando um 'credo psicanalítico' a ser adotado em bloco por quantos queriam permanecer fiéis à sua psicanálise. A segunda, com a criação do "comitê secreto" que devia zelar pela 'ortodoxia' psicanalítica.

Hoje, a crença mínima parece se reduzir à adoção da hipótese do inconsciente dinâmico<sup>15</sup>. A saída institucional para garantir autoritariamente a ortodoxia psicanalítica - por estar mais próxima da religião do que da ciência - não é defendida teoricamente por mais ninguém. Toda a aposta psicanalítica reside na convicção de que as divergências teóricas podem ser superadas graça às ferramentas teóricas que Freud e os psicanalistas foram e são capazes de construir a partir da experiência clínica. Nesse sentido, a psicanálise seria auto-suficiente para solucionar seus problemas. "A psicanálise fará da sé"<sup>16</sup>.

Existe, por exemplo, uma heterogeneidade nos enunciados psicanalítico? Sempre é possível colocar uma certa ordem nos conceitos metapsicológicos que os psicanalistas foram construindo a partir da sua prática

<sup>15</sup> "No essencial tenho proposto que são psicanalíticas as escolas de pensamento que adotam como verdadeira a hipótese do inconsciente dinâmico formulada por Freud, e não-psicanalíticas aquelas que a excluem". MEZAN, R. Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. O.c., p.348.

<sup>16</sup> FREUD/JUNG. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.535.

clínica, como por exemplo identificar os graus e as abrangências dos enunciados psicanalíticos, partindo dos mais próximos dos dados clínicos aos mais abstratos. Nesse sentido, segundo Robert Waelder podem ser distinguidos seis níveis de abstração: “dados da observação clínica, interpretações clínicas, generalizações clínicas, teoria clínica, metapsicologia e filosofia”<sup>17</sup>.

Existem muitas ‘linhas’ de psicanálise? Talvez seja possível identificar os vários paradigmas subjacentes à atual ‘ciência ordinária’ que norteia a prática psicanalítica das diversas escolas. Segundo Renato Mezan existiriam pelos menos três paradigmas teóricos que ele chama de ‘pulsional’<sup>18</sup>, ‘objetal’<sup>19</sup> e ‘do sujeito’<sup>20</sup> e dentro de cada paradigma se poderia falar de vários modelos.

<sup>17</sup> Essas informações e a própria citação foram retiradas do artigo de MEZAN, R. Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. O.c., p.347.

<sup>18</sup> O paradigma pulsional assenta sobre a centralidade da noção de pulsão e dominaria o sistema explicativo do fundador da psicanálise junto com a constelação de conceitos que gravitam em torno dela: investimento, desinvestimento, descarga, satisfação etc. ... Neste caso o objeto é o elemento contingente. É apenas objeto da pulsão, sem que seja necessário determiná-lo por esta ou aquela natureza. Neste paradigma, Mezan inclui a psicologia do ego americana e uma parte importante da obra de Melaine Klein e, provavelmente o grupo psicanalítico francês não lacaniano (P. Aulagnier, C. Stein, A. Green, J. Laplanche, C. Le Guen etc. ... Cfr. MEZAN, R. O.c., p.350-351.

<sup>19</sup> O paradigma objetal se constrói a partir da primazia da organização das primeiras relações do bebê com os outros seres humanos. Aqui o objeto é fundante e estruturador da atividade psíquica. Esta paradigma domina as teorias de Harry Sullivan (USA), Douglas Fairbairn (Escócia) e de autores como Margareth Mahler e Heinz Kohut. Cfr. *ibidem*, p.351.

<sup>20</sup> O paradigma do sujeito, nome provisório que Mezan utiliza para indicar a teoria laciana, se caracterizaria por uma primazia dada ao ‘Outro’ entendido como cultura. O ‘objeto a’, a causa do desejo para Lacan não é redutível ao objeto da pulsão em Freud ou ao objeto das relações objetais. Cfr. *ibidem*, p.352.

Essas soluções não deixam de serem interessantes. Há um ‘resto’, porém, que pede uma atenção. A tentativa de R. Waelder não parece muito próxima do projeto epistemológico reducionista do Círculo de Viena? Os três paradigmas de que nos fala R. Mezan, são antagônicos, complementares, autônomos? Qual deles parece dar mais conta da clínica? Quais os critérios racionais que podem levar à adoção preferencial de um sobre o outro?

A filosofia poderá dar alguma contribuição na resposta a essas questões? Talvez uma epistemologia prescritiva e normativa não encontre muita ressonância no mundo científico em geral e da própria psicanálise em particular, mas quem sabe se a epistemologia ‘sugestiva’ de Popper pode oferecer alguma ajuda?

Até agora nos deparamos com dois conflitos: um que paira constantemente sobre o mundo das relações Filosofia-Psicanálise, outro sobre o das relações internas às escolas psicanalíticas. Insinuamos que a concepção filosófica e epistemológica popperiana tenha alguma contribuição a oferece para lidar com eles. Antes, porém, é conveniente analisar as críticas que dirige à psicanálise e as razões teóricas que as justificam.

## II. As críticas de Popper à psicanálise

### 1. O referencial teórico: o problema da demarcação

Após a primeira guerra mundial, seguida pelo fim do império austro-húngaro, os estudantes vienenses - nos informa Popper - discutiam as principais teorias ousadas ou revolucionárias que dominavam o cenário cultural do momento: a teoria de Einstein e as do marxismo, de Freud e

Adler<sup>21</sup>.

O que chama a atenção do jovem Popper é a diferença de formulação existente entre elas, mais precisamente entre a de Einstein e as outras<sup>22</sup>. Essas últimas pareciam-lhe mais próximas da astrologia do que da astronomia<sup>23</sup>. É compreensível, portanto, que as primeiras duas questões que se coloca sejam: "quando pode uma teoria ser classificada como científica?", ou "Existe um critério para classificar uma teoria como científica?"<sup>24</sup>

Trata-se mais de uma preocupação genérica, a da relação entre pensamento dogmático e pensamento crítico, do que uma preocupação com a "verdade" das teorias ou com o problema da precisão ou da mensurabilidade. Em suma, Popper está em busca de um critério de demarcação "entre as teorias científicas (como a de Einstein) e teorias pseudocientíficas (como a de Marx, Freud e Adler)"<sup>25</sup>.

A resposta dominante, de que o critério de demarcação era o método empírico, baseado na indução, na experimentação e na verificação, não o satisfazia. Muito cedo, chega à sua primeira conclusão: "a atitude científica era uma atitude crítica, em que não importam as verificações, mas as provas cruciais - provas que poderiam refutar a teoria em exame, conquanto jamais pudessem estabelecê-la ou prová-la"<sup>26</sup>. Ou, com outras palavras: "o critério que define o status científico de uma teoria é a sua

capacidade de ser refutada ou testada"<sup>27</sup>.

O encontro, especialmente com o marxismo, menos com a 'psicologia individual de Adler e a psicanálise de Freud, tornaram Popper um antidogmático e um defensor do falibilismo<sup>28</sup>.

Este primeiro problema foi denominado mais tarde, 1928-1929, o problema da demarcação e a sua solução, de critério de refutabilidade. É em nome desse critério que a Psicanálise é considerada um programa metafísico e não científico de pesquisa.

## 2. O 'locus' das críticas popperianas à psicanálise

As críticas de Popper à psicanálise não foram sistematizadas e aprofundadas como ocorreu com aquelas que dirigiu ao marxismo e ao historicismo. Trata-se mais de observações esparsas, muito lacônicas, quase sempre genéricas, pouco matizadas e que deixam no leitor uma sensação de superficialidade.

O "locus" onde o discurso popperiano sobre psicanálise é mais difuso é a sua Autobiografia intelectual, onde é mais coeso é o primeiro capítulo do livro

<sup>27</sup> CR, p.66.

<sup>28</sup> "O encontro com o marxismo foi um dos acontecimentos mais notáveis de meu desenvolvimento intelectual. Ele ensinou-me várias lições, que nunca olvidei. Ensinou-me a sabedoria do dito de Sócrates, "Eu sei que não sei". Transformou-me num falibilista e me ensinou o valor da modéstia intelectual". AI, p.43. A polêmica com o marxismo se desdobrará mais tarde em duas obras que revelam a face política de sua teoria. Cfr. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; S. Paulo: EDUSP, 1987, Tit. orig. *The Open Society and Its Enemies*, e *A miséria do historicismo*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. S. Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980, Tit. orig. *The Poverty of Historicism*.

<sup>21</sup> CR, p.64.

<sup>22</sup> Einstein define em que condições a sua teoria pode ser refutada. Uma atitude esta "completamente diversa da atitude dogmática de Marx, Freud, Adler e mesmo de alguns de seus sucessores". AI, p.45. Cfr. também CR, p.64-68.

<sup>23</sup> CR, p.64.

<sup>24</sup> CR, p.63.

<sup>25</sup> AI, p.47.

<sup>26</sup> AI, p.45.

*Conjecturas e Refutações*<sup>29</sup>. Onde, porém, o discurso popperiano sobre psicanálise é mais aprofundado é em *Realismo e o objetivo da ciência*, Pós-Escrito à sua primeira grande obra e editado em 1956. Numa de suas seções, retoma o tema freudiano dos sonhos e procede a uma análise pormenorizada do método utilizado por Freud para, no caso específico, imunizar sua teoria sobre o sonho, entendido como realização (disfarçada) de desejos<sup>30</sup>.

### 3. Popper leitor de Freud e conhecedor da psicanálise

Na realidade, Popper teve uma maior aproximação com Adler e não com Freud. Na sua *Autobiografia* assim a descreve: “entrei em contato pessoal com Adler e até cooperei com ele em seu trabalho social junto aos meninos e jovens operários dos bairros operários de Viena, onde havia criado clínica de orientação social”<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Nele o autor retoma uma conferência pronunciada em Cambridge, no verão de 1953. Pela primeira vez, segundo seu próprio testemunho, relata seu trabalho no campo da filosofia da ciência a partir dos seus 17 anos. É neste contexto autobiográfico do jovem Popper, que sente e vive o clima do fim do império austro-húngaro marcado por idéias revolucionárias e teorias novas que devem ser lidas e compreendidas certas críticas. Colocar no mesmo nível, por exemplo, as teorias psicanalíticas, as teorias astrológicas, as teorias míticas e as histórias homéricas do Olimpo parece uma agressão gratuita e injustificada.

<sup>30</sup> POPPER, K. Um caso de verificacionismo. In: *O realismo e o objetivo da ciência*. Lisboa: Dom Quixote, 1987, p.181-190.

<sup>31</sup> *AI*, p.45. A experiência, porém, não foi intelectualmente satisfatória. “Certa vez – conta Popper – em 1919, informei-o de um caso que não me parecia ser particularmente adleriano, mas que ele não teve qualquer dificuldade em analisar nos termos da sua teoria do sentimento de inferioridade, embora nem mesmo tivesse visto a criança em questão. Ligeiramente chocado, perguntei como podia ter tanta certeza. “Porque já tive mil experiências desse tipo” – respondeu; ao que não pude deixar de retrucar: Com este novo caso, o número passará então a mil e um...”. *Ibidem*, p.58.

O encontro com o pensamento e a obra de Freud também é precoce, mas indireto e certamente favorecido pelas circunstâncias. Ambos são judeus, mesmo que a família de Popper era de judeus convertidos; se formaram e trabalharam em Viena; dela tiveram que sair por causa do nazismo e ambos acabaram em Londres. Essas aproximações parecem um pouco forçadas, tanto mais que quando Popper nasceu Freud já tinha 46 anos.

Sabemos, porém, que na casa de Popper, se lia Freud. O pai, que era da mesma idade do fundador da psicanálise, possuía as obras dele e as lera quando de sua publicação<sup>32</sup>. Entre a família Popper e a família Freud havia algum laço de amizade. A irmã de Freud, Rosa Graf passou uma temporada de férias com os Popper em 1916, em plena guerra mundial. O filho dela, Herman Graf, apenas cinco anos mais velho do que Karl, os visitou uniformizado antes de partir para frente de batalha onde encontrou a morte. É provável, que através da família Graf, Karl tivesse algum conhecimento da família de Freud, como transparece da informação de que a irmã de Herman era a sobrinha predileta de Freud<sup>33</sup>.

Mas não parece que ele pessoalmente tivesse alguma familiaridade com os Freud, tanto que teve um Professor de matemática com este sobrenome, Phillip Freud, mas Popper não sabe dizer se era parente do Sigmund<sup>34</sup>.

O que mais importa registrar é que tanto a “psicologia do indivíduo” de Adler quanto a psicanálise freudiana, não pareceram ao jovem Popper teorias tão significativas como foi a do marxismo, apesar do encontro

<sup>32</sup> *AI*, p.16.

<sup>33</sup> *AI*, p.21.

<sup>34</sup> *AI*, p.38.

com as três teorias ter ocorrido praticamente na mesma época. Geralmente Popper associa o nome de Freud ao de Marx e de Adler<sup>35</sup>. Considera 'dogmática' as atitudes teóricas dos três<sup>36</sup>, e suas teorias, *pseudocientíficas*<sup>37</sup>. Numa outra passagem, coloca no mesmo nível a teoria psicanalítica de Freud, Adler e Jung, associando-as às "doutrinas (suficientemente vagas) da Astrologia"<sup>38</sup>. Quando não os nomeia, generaliza ao falar de "estudiosos de psicanálise". Entre parênteses explicita: "de todas as correntes"<sup>39</sup>.

Isso pode sugerir a idéia de que Popper não estivesse tão por dentro da psicanálise ao não distinguir o que Freud tanto se esforçou em separar na sua obra *História do movimento psicanalítico*<sup>40</sup>. Outros dados, porém, apontam numa outra direção.

Na sua *Autobiografia* nos fala de seu relacionamento com o Prof. Heinrich Gomperz, filho do famoso grecista Theodor Gomperz, grandemente admirado pelo seu pai<sup>41</sup>. Em 1932, Heinrich acreditava na psicanálise e chegou até a colaborar na Imago, mas sobre esse tema K. Popper assinala laconicamente: "discordávamos quanto à psicanálise"<sup>42</sup>. Conhecendo a erudição de um e o espírito crítico do outro não deviam ser discussões superficiais.

Assim, também, uma outra passagem da *Autobiografia* nos revela um conhecimento direto do texto freudiano, como quando cita os "sonhos obsequiosos" de

<sup>35</sup> Cfr. AI, p.45; 47. Cfr. também CR, p.64.

<sup>36</sup> AI, p.45.

<sup>37</sup> AI, p.47.

<sup>38</sup> AI, p.49.

<sup>39</sup> AI, p.48.

<sup>40</sup> Cfr. FREUD, S. *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard das Obras Completas de Freud).

<sup>41</sup> AI, p.17.

<sup>42</sup> AI, p.82.

que fala Freud para indicar os sonhos de analisandos que refletiam as teorias de seus analistas<sup>43</sup>.

Enfim, ao analisar os argumentos com os quais Freud tenta defender sua tese central sobre os sonhos, mostra um conhecimento pormenorizado sobre *A interpretação dos Sonhos*<sup>44</sup>.

De todos esses dados informativos, uma conclusão parece inquestionável: Popper pode não ser um especialista em psicanálise, mas suas críticas não são retiradas de fontes de segunda mão.

## 6. Os enunciados popperianos sobre psicanálise

Na apresentação das críticas de Popper, adotaremos um recurso literários já utilizado por ele numa determinada circunstância<sup>45</sup>. A forma de tese pode ter a desvantagem de dar uma aparência de dogmatismo às colocações. Em compensação nos oferece clareza e objetividade.

Apoiando-me de perto nos relatos autobiográficos e na análise popperiana da *Interpretação dos sonhos*,

<sup>43</sup> AI, p.130. Na nota 3 do primeiro capítulo de *Conjecturas e Refutações*, cita as Gesammelte Schriften. Cfr. p.67-68.

<sup>44</sup> Cfr. POPPER, K. Um caso de verificacionismo. In: *O realismo e o objetivo da ciência I*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, p.181-190.

<sup>45</sup> A ocasião foi a participação de Popper nas Jornadas da Sociedade Alemã de Sociologia que se realizou em Tübingen em 1961. Na oportunidade proferiu a conferência de abertura, abordando o tema da lógica das Ciências Sociais. (POPPER, K. A lógica das ciências sociais. In: *Em busca de um mundo melhor*. Trad. Teresa Curvelo. Lisboa: Fragmentos, 1992, p.71-85. O texto apresentado foi redigido em forma de tese para facilitar o debate teórico esperado entre Popper (racionalismo crítico) e Adorno (teoria crítica), debate, porém, que naquela oportunidade não se deu. Mais tarde, porém, Adorno atacou as teses de Popper com um texto que Popper julgou muito agressivo e ao qual sentiu-se na obrigação de responder.



tentarei resumir as principais críticas, ordenando-as numa certa seqüência lógica e procurando me manter o mais próximo possível do texto literal, não apenas para garantir uma maior fidelidade ao pensamento dele, como também para o leitor sentir um pouco de seu estilo e de sua retórica.

- A teoria psicanalítica, se for aceita, parece poder explicar praticamente tudo dentro do seu campo e encontrar inúmeros exemplos de verificações que a confirmariam<sup>46</sup>. Se alguém não conseguir enxergá-los, é um caso de ‘recalque’ ainda não analisada, precisando urgentemente de tratamento<sup>47</sup>.
- Os analistas freudianos afirmam que suas teorias são constantemente verificadas por suas “observações clínicas”<sup>48</sup>. Essas, porém, tomadas ingenuamente pelos analistas como confirmações de suas teorias, têm o mesmo caráter das confirmações diárias que os astrólogos julgam encontrar em sua experiência<sup>49</sup>.
- Na realidade, as observações clínicas, como todas as observações, são *interpretações à luz de teorias* e somente por esta razão parecem dar apoio às teorias em cuja luz são interpretadas. Até que ponto as expectativas (conscientes ou inconscientes) e as teorias definidas pelo analista não influem nas “respostas clínicas” do paciente?<sup>50</sup>
- A teoria psicanalítica pode até ser, num sentido genético, ‘resultado de observações’, mas num sentido científico seus enunciados são irrefutáveis, isso é, não estão

<sup>46</sup> CR, p.64.

<sup>47</sup> CR, p.64.

<sup>48</sup> CR, p.65.

<sup>49</sup> CR, p.62.

<sup>50</sup> Cfr. nota 3 do cap. 1 de CR, p.62-63.

respaldados por elementos de juízos empíricos<sup>51</sup>. Quanto à tópica freudiana de Ego, Superego e Id, sua pretensão a um status científico não é substancialmente maior daquele de uma coleção de histórias homéricas do Olimpo. Estas teorias descrevem alguns fatos, mas à maneira dos mitos. Contêm sugestões psicológicas sumamente interessantes, mas não de uma forma testável<sup>52</sup>.

- As teorias psicanalíticas, apesar de se apresentarem como científicas, de fato têm mais elementos em comum com os mitos primitivos do que com a ciência. A teoria é compatível com as mais divergentes condutas humanas, de modo que é praticamente impossível indicar um comportamento que não possa ser interpretado como uma confirmação da teoria<sup>53</sup>. Esta parece ser a força e o fascínio da teoria: poder explicar tudo ou quase tudo. Na realidade é a sua fraqueza<sup>54</sup>.
- A psicanálise, portanto, não é uma “boa” teoria, porque não implica nenhuma proibição que possa refutá-la. A irrefutabilidade não é uma virtude de uma teoria, mas seu vício<sup>55</sup>. O critério que define o status científico de uma teoria é a sua capacidade de ser refutada ou testada<sup>56</sup>, enquanto as teorias psicanalíticas não são testáveis, são simplesmente irrefutáveis<sup>57</sup>.
- A psicanálise não é um programa de pesquisa

<sup>51</sup> CR, p.63.

<sup>52</sup> CR, p.62-63.

<sup>53</sup> CR, p.65.

<sup>54</sup> CR, p.65.

<sup>55</sup> CR, p.66.

<sup>56</sup> CR, p.66.

<sup>57</sup> CR, p.67.